



**OFICINA DE FORMAÇÃO DE
MONITORES DE
CIRCO SOCIAL**

RELATÓRIO

**REDE CIRCO DO MUNDO BRASIL
CIRQUE DU SOLEIL**

**Recife – PE
Maio / 2004**

OFICINA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE CIRCO SOCIAL

Ficha Técnica

Local

Teatro Armazém
SESC – Piedade
Recife/Jaboatão dos Guararapes – Pernambuco - Brasil

Período: 03 a 07 de Maio de 2004

ORGANIZAÇÃO E EXECUÇÃO:

Organização

Cirque du Soleil
Fase / Saap
Escola Nacional de Circo
Escola Pernambucana de Circo

Desenvolvimento

Paul Vachon*
Michel Lafortune*

Tradução

Warna Rodrigues
Márcia Cruz
Irene da Silva Telles

Sistematização

Escola Pernambucana de Circo

Observadores Comentaristas

Marcos Camarotti – Universidade Federal de Pernambuco (observador)
Maria Alice Viveiro de Castro – Atriz e Pesquisadora da História do Circo
Cristina Diogo – Coordenadora da ONG Juriti – Circo Escola Ecocidadania

* Programa de Formação de Instrutores do Departamento de Assuntos Sociais e Cooperação Internacional do Cirque du Soleil

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	04
• O CIRCO SOCIAL – Uma janela aberta para o infinito <i>Kal Oliveira</i>	
I- INTRODUÇÃO	05
II- OBJETIVO e ESTRUTURA DA OFICINA	06
III- DESENVOLVIMENTO	07
IV- ATIVIDADE COMPLEMENTAR	
• Arte/educação como instrumento de intervenção social	22
V- AVALIAÇÃO FINAL	24
VI- COMENTÁRIOS DOS OBSERVADORES	
• O Circo Social como fator de redenção <i>Marcos Camarotti</i>	27
• O Jogo da Vida <i>Cristina Diogo</i>	30
• Observações de uma observadora PRIVILEGIADA. <i>Alice Viveiro de Castro</i>	33
VII- ANEXOS	
• Código de Ética do Circo Social	37
• Papel do Instrutor do Circo Social	43
VIII- PARTICIPANTES	45

O CIRCO SOCIAL – Uma janela aberta para o infinito

Kal Oliveira*

Quando deparamos cotidianamente com a única realidade possível de sobrevivência para milhares de crianças e jovens brasileiros, nordestinos, analfabetos e sem identidade própria, damos um grito mudo de perplexidade. São crianças e jovens que ninguém quer, nem mesmo seus pais. Crianças órfãs de pais vivos, que assumiram uma identidade que não lhes pertence. Retiram do lixo o alimento de cada dia; tornaram-se mendigos para ajudar no sustento da casa, trocam os estudos e as brincadeiras infantis, e vão para os sinais de trânsito limpar os vidros de carros dia após dia, não sonham com o dia de amanhã, pois já tem certeza do que irá acontecer.

Dessa forma, entregam-se as drogas e se enganam com falsas ilusões. Com essas ilusões adquirem coisas que desejam e que povoam a sua imaginação, mas que não podem comprar, revoltam-se e mostram a sociedade que eles existem da única maneira que conhecem, impondo o medo.

O Circo Social propõe uma nova realidade. Sonhar...Brincar...Sorrir...perceber-se como criança e jovem com potencial, e os motivam a sentisse como cidadão que são, essa mudança que ocorre lentamente, mas com eficácia fortalece o desejo de deixar de ser um “João ninguém”.

A experiência obtida na Oficina de Educadores Sociais, ministrada por Paul Vachon e Michel Lafortune do Cirque du Soleil, realizada em maio de 2004 em Pernambuco, no Brasil, nos fortaleceu quando foram exaltados jogos teatrais direcionados para os seguintes segmentos: cooperação, equilíbrio, responsabilidade, atitude, força e confiança.

A integração dos participantes, a compreensão do significado da importância do Circo Social e o surgimento de novos valores éticos foram surpreendentemente absorvidos por cada integrante.

A oficina demonstrou que a progressão deve ser uma constante no trabalho com o circo social. Devemos trabalhar com paciência e profissionalismo, pois estamos trabalhando com pessoas que sempre tiveram traumas sérios. A paciência e a progressão são um dos alicerces para que consigamos a confiança, e assim possamos ajudá-los a se libertar da dor e do medo que são os únicos sentimentos que conhecem bem.

Nós, da Histofaria Teatral, retornando para Natal/RN, colocamos na prática as experiências que vivenciamos e podemos constatar que está ocorrendo uma maior entrega do nosso educando, os desafios propostos a eles são facilmente aceitos. O resultado está em termos conseguido uma maior cumplicidade entre os educadores e educandos, respeito com o próximo, valorização de si mesmo, possibilidade de sonhar e um desejo de pertencer à sociedade.

Fomos à favela e foi com satisfação que vimos um menino que em outra época estaria drogado e jogado no chão de alguma praça da cidade, andando de perna-de-pau. Só lamentamos não termos condições de construir e presentear cada educando nosso com um elemento circense. Mas já sabemos que podemos permitir o sonho a um menino que ninguém quis, a não ser o Circo Social.

I - INTRODUÇÃO

O presente relatório visa o registro das atividades desenvolvidas durante a oficina de formação de educadores de Circo Social, Núcleo Norte/ Nordeste, realizada em Recife/PE nas instalações do SESC Piedade e Teatro Armazém, no período de 03 a 07 de maio de 2004. A oficina foi desenvolvida pelo Programa de Formação de Instrutores do Departamento de Assuntos Sociais e Cooperação Internacional de Cirque de Soleil, representados por Michel Lafortune e Paul Vachon.

A oficina foi desenvolvida especificamente para educadores de Circo Social da Rede Circo do Mundo Brasil, tendo concentração de participação do Núcleo Norte/Nordeste (Escola Pernambucana de Circo, Arrircirco, Escola de Circo Elocidadania, Circo Zoin, Escola de Circo Mano Silva, Histofaria Teatral) mas também contou com a participação de representantes de um integrante da comissão de organização do Encontro Nacional da Rede (Júnior Perin), de um aluno da Escola Nacional de Circo (já articulado a um projeto social) e um convidado da Associação dos Artistas Circenses do Recife.

Para contribuir no processo contínuo de reflexão da Oficina, oportunizando alguns debates nos momentos de aprofundamento teórico e pedagógico, foram convidados, para a função de observadores da oficina, profissionais com experiência na temática tratada na oficina, sendo eles/elas: Marco Camaroti (professor da UFPE e pesquisador na área de circo); Alice Viveiros, (atriz e pesquisadora na área de circo); Cristina Diogo (Coordenadora do Circo Escola de Ecocidadania- Juazeiro do Norte-CE).

Todo o processo de preparação e coordenação da oficina ficou sobre a responsabilidade do Programa de Formação de Instrutores do Departamento de Assuntos Sociais e Cooperação Internacional do Cirque du Soleil - Michel Lafortune e Paul Vachon, da FASE – Cleia Silveira e da EPCIRCO - Zezo Oliveira.

Destacamos a importância da parceria com o SESC - Piedade e o Teatro Armazém para a realização das oficinas nos referidos espaços.

Para uma melhor compreensão das proposições feitas pelos facilitadores contamos com a presença das tradutoras: Irene Teles, Warná e Márcia Cruz que revezaram - se na função.

O entendimento e colaboração de todos foram essenciais para o bom desenvolvimento da oficina, de forma que o resultado é fruto de um trabalho cooperativo, que vai ao encontro da natureza de nossos projetos.

Esse relatório não pretende descrever os jogos desenvolvidos no curso da oficina, por tratar-se dos mesmos jogos desenvolvidos na oficina realizada no Rio de Janeiro, em maio de 2003, voltada para educadores do Núcleo Sudeste/Sul da Rede circo do Mundo Brasil e já foram sistematizados e democratizados através de seu relatório final.

Este relatório final, elaborado pela EPCIRCO, contou com as contribuições de todos: participantes, organizadores e observadores.

II - OBJETIVO e ESTRUTURA DA OFICINA

1- Objetivo

A formação visa aproximar os participantes através de exercícios concretos, com momentos de reflexão e intercâmbio, partindo do princípio que todos os processos vivenciados podem ser utilizados com os jovens em situação de risco pessoal e social.

2- estrutura

	Segunda -feira	Terça -feira	Quarta -feira	Quinta -feira	Sexta -feira
9h00 9h30	Preparação e alongamento				
9h30 11h30	<ul style="list-style-type: none"> - Introdução da realidade da Rede Brasileira de Circo Social (FASE e Escola Pernambucana de Circo) - Apresentação dos participantes e dos formadores. - Apresentação dos objetivos da oficina. - Exercícios para o desenvolvimento da confiança e promoção da integração como elementos que favorecem o trabalho em grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Exercícios das cores - Identificação dos diferentes tipos de personalidades que ajudam a melhorar as relações pessoais e pedagógicas com os jovens. 	<ul style="list-style-type: none"> - Debate sobre o papel dos instrutores e dos projetos sociais dentro da dinâmica do Circo Social. - Debate sobre o código de ética do instrutor de Circo Social. 	<ul style="list-style-type: none"> - Troca de experiência sobre jogos utilizados no contexto do Circo Social (cada participante apresenta um jogo). - O sentido pedagógico do espetáculo no Circo Social. 	<ul style="list-style-type: none"> - Diferentes técnicas de jogos de representação.
11h30 12h00	Exercícios de criatividade				
12h00 13h30	Almoço				
13h30 16h00	<ul style="list-style-type: none"> - Exercícios para o desenvolvimento da confiança. 	<ul style="list-style-type: none"> - Aspectos da realidade dos jovens com que trabalhamos (exercício dos escudos) - Noções do conceito de resiliência. 	<ul style="list-style-type: none"> - Noções de segurança associadas às técnicas de acrobacia. - Técnicas de ensino de acrobacia para jovens. 	<ul style="list-style-type: none"> - Elaboração de uma série de oficinas de Circo Social. - Diferentes técnicas de jogos de representação. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação de exercícios de criatividade • Avaliação da semana • Propostas para futuras formações.
16h00 17h30	<ul style="list-style-type: none"> - Síntese e avaliação do dia. - Intercâmbios e debates com os participantes e observadores 	<ul style="list-style-type: none"> - Visita a Escola Pernambucana de Circo 	<ul style="list-style-type: none"> - Síntese e avaliação do dia. - Intercâmbios e debates com os participantes e observadores 	<ul style="list-style-type: none"> - Debate: Arte/educação com instrumento de intervenção social 	<ul style="list-style-type: none"> - Síntese e avaliação do dia. - Intercâmbios e debates com os participantes e observadores

III - DESENVOLVIMENTO

03/maio/2004 (manhã)
Abertura oficial da oficina
Local – Teatro Armazém



Mesa de Abertura:

- Michel Lafortune (Cirque du Soleil)
- Paul Vachon (Cirque du Soleil)
- Cleia Silveira (FASE)
- Carlos Cavalcanti (Escola Nacional de Circo - ENC)
- Zezo Oliveira (Escola Pernambucana de Circo - EPC)
- Romildo Moreira (FUNDARPE / Governo de Pernambuco)
- Albemar Araújo (Secretaria de Cultura/Prefeitura do Recife)
- José Manoel (SESC – Pernambuco)
- Marco Camaroti (Universidade Federal de Pernambuco - UFPE)
- Irene Teles (tradutora)

Para formação da mesa de abertura da oficina, dois palhaços foram os mestres-decerimônias (ONG Doutores da Alegria, que atua nos hospitais públicos desenvolvendo atividades para a melhoria de auto-estima dos pacientes), que em performance convidaram os componentes a dar início aos trabalhos. Zezo Oliveira, fez uma rápida acolhida a todos os presentes em especial aos participantes da oficina e ressaltou a importância do evento para o fortalecimento dos projetos, em atendimento a uma demanda na formação de seus instrutores, como também o fortalecimento da Rede Circo do Mundo/Brasil.

Os representantes do Governo Estadual e Municipal, enaltecem a importância do evento para o estado e o município, respectivamente, e o fortalecimento do Circo na região, colocando-se abertos a possíveis parcerias no futuro.

O representante do SESC – Pernambuco (que disponibilizou as instalações da oficina), salientou a importância de eventos como esse no fortalecimento do circo, sobretudo dos artistas, destacando como exemplo a parceria que já vem desenvolvendo com EPCIRCO.

Cleia Silveira (FASE) apresentou a Rede Brasileira de Circo Social, sua configuração, estrutura e participantes. Destacando a importância das ações articuladas em rede, fez um resgate histórico das atividades anteriores até culminar na oficina Norte/Nordeste.

Marco Camarotti (UFPE) enalteceu a importância de eventos dessa natureza e do prazer de ter sido convidado para contribuir durante a oficina que trata de questões tão relevantes ao circo.

Michel Lafortune apresentou Programa de Formação de Instrutores do Departamento de Assuntos Sociais e Cooperação Internacional do Cirque du Soleil ressaltou a importância da oficina, apresentando os objetivos e o processo metodológico, baseando na vivência de exercícios concretos, distribuídos de acordo com a temática

a ser trabalhada, com momentos de reflexão que se articulam a prática dos participantes. Já Paul Vachon, do mesmo programa, falou do prazer de estar participando do evento e ressaltou a importância da troca entre todos os participantes da oficina e da necessidade de disponibilidade de todos .

Carlos Cavalcanti (ENC) ressaltou o papel do Governo Federal em relação ao circo, sobretudo em relação ao papel social do circo. Salientou a importância da Escola Nacional de Circo que, apesar de manter a sua característica profissionalizante, vem procurando se articular aos projetos sociais.

Encerrando as falas dos componentes da mesa, as instituições participantes da oficina fizeram uma breve apresentação de seus projetos, seguindo-se de performance circense e um coquetel.

03/maio/2004(tarde)

Local: SESC – Piedade

A atividade teve início com a intervenção de Paul Vachon que, sem uso da palavra, utilizou um instrumento musical (flauta) para anunciar a todos o início das atividades. Vale ressaltar que esse comportamento foi reproduzido a cada início de dia e após os intervalos. A ação lúdica e a suavidade da música funcionavam como um convite à participação, sem a necessidade de elevar a voz, sem usar a palavra, sem se tornar num grito, numa imposição mas num código de convivência social. Este comportamento não é ingênuo, ele pode gerar mudanças significativas no comportamento, pode gerar respostas disciplinares positivas sem ser uma imposição mas sim um alerta para o início de uma nova etapa da atividade quebrando a tradição do comportamento de educadores que confundem a forma de se adquirir o respeito a força.

A primeira atividade foi a construção de um roda para apresentação dos participantes da oficina e suas expectativas. Esta mesma roda se reproduziu após todos os exercícios e jogos para o desenvolvimento da confiança tiveram início. Neste primeiro bloco, as atividades desenvolvidas foram voltadas para o desenvolvimento da confiança entre os participantes, promovendo a integração na perspectiva de facilitar o trabalho em grupo e o andamento da oficina.

O Encerramento do dia , se deu com uma rápida avaliação a partir do exercício da corda, onde todos unidos pela corda que, simbolicamente, amarra e fortalece o grupo em disposição circular. Todos segurando a corda, em equilíbrio, dependendo um do outro. A atividade da corda tem como preocupação o desenvolvimento da confiança, da integração do grupo e da percepção na necessidade de contar com outros para atingir a seu objetivo próprio. Propõe a coletividade, interdependência, colaboração e integração. Todos falaram da alegria do dia. Duas questões ficaram marcadas pelos coordenadores: o jogo pelo jogo ,o prazer de jogar e a importância de todos terem a oportunidade de trocar suas experiências.



04/maio/2004 Manhã

Local: SESC – Piedade

A terça-feira teve início com exercícios de alongamento e esquentar.

Foi desenvolvido o exercício das cores, que utilizava alguns textos como apoio, o objetivo é identificar os diferentes tipos de personalidade para poder melhorar as relações/intervenções interpessoais e pedagógicas junto aos jovens, distribuído em três etapas: Bingo de Personalidade, Exercício de grupos de palavras (Aprendendo algo a seu respeito) e Compreendendo melhor o seu grupo. Durante o jogo foi interessante perceber como as pessoas estavam admiradas em conhecerem melhor a si próprio e aos outros e ficavam atentos as dicas propostas pelo exercício para cuidar melhor do outro, de acordo com as características dele, aproveitando e estimulando seus potenciais e não fazendo julgamentos precipitados. Todo instante, nos momentos de reflexão os facilitadores da oficina estimulavam a relação com as crianças e jovens dos projetos, o que se refletia na fala das pessoas ao citarem exemplos de suas realidades/vivências.

04/maio/2004 Tarde

Local: Escola Pernambucana de Circo

Nessa tarde, aconteceu uma atividade de visita dos participantes da oficina à Escola Pernambucana de Circo- EPC, situada no Buriti, um bairro da periferia do Recife. Inicialmente todos foram convidados a acompanhar um pouco das atividades desenvolvidas na escola naquele dia: Atividades de percussão (música), dança, acrobacia e malabares de forma participativa, para haver maior integração de todos. Portanto, durante a visita, todos foram convidados a dançar os ritmos populares da região (trabalhados na EPC, na perspectiva da identidade cultural) e a fazerem malabares e acrobacia de solo.

Depois deste primeiro momento de conhecimento e integração, foi constituída uma Roda, onde todos, sentados no chão, puderam trocar idéias, sentimentos e fazer performances. Em clima de descontração, os integrantes da oficina, os jovens e crianças e toda a equipe da EPC, foi feita uma apresentação dos visitantes: quem são, de onde vieram, o que fazem e do sentimento de estarem naquele momento na Escola. As crianças, principalmente, encheram os visitantes de perguntas.

Alguns responderam de forma lúdica, como Josivan (Ecocidadania) que fez uma performance de palhaço em versos tratando de um tema ecológico e o Paul Vachon que iniciou sua apresentação utilizando uma língua inexistente, criada na hora, não compreensível e, em seguida, com sua flauta e foi acompanhado por todos com estralar de dedos, mostrando como a música é uma linguagem universal. Michel falou para as crianças que havia muitos projetos como esse no planeta e estimulou a todos a lutar para realizar seus sonhos. As crianças sentiram-se bem à vontade com todos e encheram os visitantes com perguntas.



Na seqüência, saíram todos em arrastão cultural pelas ruas do bairro até a praça e, mais uma vez, celebraram a alegria de dançar juntos. No retorno ao Espaço da Escola, as crianças foram lanchar com uma parte dos educadores da escola e os outros educadores acompanharam os visitantes para uma outra área da escola, numa roda de debate sobre a EPC, missão, objetivos, metas, estrutura, metodologia, relação com a comunidade, avanços, retrocessos, dificuldades entre outros aspectos relevantes aos participantes da oficina e a Escola. Todos ressaltaram a importância da visita a Escola como parte importante na formação/oficina.

05/maio/2004

Local: SESC – Piedade

Manhã

Exercícios de alongamento e aquecimento são propostos por participantes da oficina.

A retomada dos instrutores concentrou exercícios em dupla e em grupo para paradas de mão, equilíbrio e pequenas acrobacias. As atividades eram demonstradas pelos facilitadores com ajuda dos participantes, observando os cuidados com o corpo, com enfoque na segurança e ressaltando a responsabilidade do “portô” na relação de segurança.



O Código de Ética

Ainda pela manhã houve o debate sobre o Código de Ética e o papel do instrutor de circo social. Todos os participantes receberam uma cópia de uma proposta de Código de Ética desenvolvido pelo Programa de Formação do Cirque du Soleil. Michel lembrou que o código é uma atitude de trabalho do projeto social, não é uma lei e deve ser construído a partir da realidade de cada projeto. Esse, em debate, é apenas um exemplo para servir de base para as discussões (Documento em anexo).

Principais questões pontuadas durante o debate:

- O Código de Ética não pode travar relações, ou burocratiza-las, é um instrumento orientador, que cria referências para nossas ações;
- A instituição precisa ter bem clara sua missão para defini-lo;
- Ele deve respeitar as diferenças e individualidades de cada um;
- Todos devem entender e estar de acordo com ele (o código) para que, de fato, funcione e tenha coerência na ação de toda a equipe.

Questões levantadas no debate sobre o papel do instrutor:

- Todos precisamos estabelecer relações com as crianças e jovens dos projetos e eles precisam ser levados em conta por suas possibilidades e não pelas dificuldades. Pois essas relações são essenciais para alcançarmos nossa missão, pra chegar a isso é necessário preparação, ter claro os objetivos;
- A construção entre instrutor e aluno é dialógica;
- A técnica não é o principal;
- Deve-se trabalhar a teoria da técnica e a técnica;
- É preciso o instrutor ter clareza do que quer;
- As mudanças de comportamento de crianças e jovens, só serão efetivas frente ao comportamento cotidiano dos educadores, não basta só falar é preciso manter a coerência prática;
- Para discutir os temas sociais, com o público jovem e infantil, o debate não pode ser formal, devemos lançar mão de outras linguagem, o circo é apenas uma delas, por exemplo, pode-se usar Rap, o Hip Hop,;O principal é que se aborde estes temas a partir da realidade dos envolvidos
- As instituições devem preocupar-se com a formação dos educadores;
- É preciso estar atento e fazer reuniões antes e depois da oficina para auto-avaliarmos, podermos falar de nossos acertos e erros sem censura, aprender com o erro tirar conseqüências e não identificar culpados.



05/maio/2004(tarde)

Local: SESC – Piedade

Atividade com exercícios de som, utilizando a voz mas sem língua específica. Em círculo é iniciada uma história sem o uso da palavra e cada um faz sua participação e todos repetem o movimento e o som proposto por quem tem a vez. Todos devem relaxar, soltar-se para um melhor trabalho em grupo.

Todos em movimentos na sala, ocupando diferentes espaços e alturas, sem deixar buracos.

Distribuição em grupos para criação de história sem o uso das palavras e em articulação de um grupo com o outro. Ainda foram trabalhados dois exercícios para estimular a criação, atenção e controle: fotografia (todos de olhos fechados um grupo propõe uma ação e os demais, ao abrir os olhos, devem descobrir do que se trata) o outro foi o uso de uma bola de malabares, onde todos deveriam passar um para o outro seguindo um modelo proposto pelo facilitador.

Na reflexão sobre os exercícios, Paul chamou a atenção para a observação e o entendimento da ação, para que seja realizado, exatamente, o que foi proposto e fez uma relação com o diálogo, quando uma pessoa fala e alguém corta a palavra, antes que ela termina, achando que já havia entendido, correndo o perigo da ação ser conduzida de forma distorcida. Uma segunda reflexão, ele salientou a importância de trabalhar o prazer sem inicialmente ter o uso da racionalidade, como exercícios para desenvolver a criatividade.

Apresentação dos cuidados, necessidades e aspectos do uso do cinto de segurança, quando trabalhamos com jovens e crianças não podemos colocar em risco a sua integridade física, isto tem que ser uma preocupação do projeto. Foram desenvolvidos alguns exercícios com o uso do cinto. Iniciando com atividade em dupla para trabalhar o equilíbrio, a confiança e o papel do porto, depois de uma maior apropriação do grupo com o cinto, foi se observando os limites que o cinto poderia vir a impor na mobilidade e as adaptações possíveis, durante o seu uso.

A etapa seguinte foi voltada ao planejamento. O grupo foi dividido em sub grupos e foram convidados a planejar uma oficina para ser desenvolvida em 15 semanas.

Ver resultados dos trabalhos dos em destaque a seguir.

Após a apresentação de cada grupo, foi promovido um debate

Principais questões anunciadas no debate de plenária

- ✓ Um bom planejamento evita riscos;
- ✓ Dividir o grupo por faixas etárias variadas, de acordo com os tipos de oficina;
- ✓ Momentos juntos, momento para habilidade dos participantes;
- ✓ Todos os dias roda de apresentação para tornar atividade comum;
- ✓ O cuidado com o acolhimento é essencial para o início;
- ✓ Trabalhar confiança todo mundo juntos;
- ✓ Conhecer o material e o conteúdo que vai trabalhar (ex: perna de pau);
- ✓ Jogos populares de cooperação para desenvolver o tema;
- ✓ Perigo é se habituar a fazer as coisas de uma mesma forma e ficar preso a ela. Virar recreador.

Michel lembrou que trabalhar em equipe tem suas dificuldades, cada um quer fazer sua idéia e 45 minutos não é um tempo suficiente para desenvolver um planejamento adequado. No momento, todos foram colocados em situação hipotética pois, às vezes, em circo social nos deparamos com pouco tempo. Não adianta iniciar as atividades, sem saber as atividades que serão desenvolvidas e distribuídas pela semana, devemos pensar processualmente. Sem planejamento, pode ficar perdido o desenvolvimento do processo e seus objetivos, sem se saber o que fazer.

Por fim, Paul propôs uma relação de cuidados que devemos ter ao planejar, que ele chamou de “Receita” e salientou, que era apenas uma idéia e que existiam inúmeras outras idéias relativas ao tema abordado:

Receita:

- acolhimento personalizado
- esperando – jogo - lúdico / esporte
- Roda – início da oficina
- Manipulação (ex: malabarismo, bolas etc.)
- Movimento
- Jogos dramáticos ou personagens
- Jogos de equilíbrio aéreos
- Ocasão da discussão / problema do dia
- Roda final - assinatura
- Encontro dos instrutores
- Avaliação



1º Trabalho de Grupo : **PLANEJAR UMA OFICINA DE 15 SEMANAS**

Grupo A – Montagem de um Espetáculo com Malabares

Percussão: Faixa etária de idade 10 a 17 anos	
Tempo de duração para construção do mesmo: 15 semanas (2 dias por semana, 3 horas por dia)	
1ª semana	Jogos de conhecimento (3 horas a crianças de 10 a 13 anos / 3 horas jovens 13 a 17 anos) Segunda e quarta 08:00 às 17:00
2ª semana	Continuação dos Jogos, com ritmo (todos os jovens) (3 horas a crianças de 10 a 13 anos / 3 horas jovens 13 a 17 anos) Segunda e quarta 08:00 às 17:00
3ª semana	Continuação dos jogos de coordenação motora (3 horas; 3 horas a crianças de 10 a 13 anos / 3 horas jovens 13 a 17 anos) Segunda e quarta 08:00 às 17:00
4ª semana	Continuação dos jogos com ritmo (todos os jovens)
5ª semana	Continuação dos jogos de coordenação motora (3 horas a crianças de 10 a 13 anos / 3 horas jovens 13 a 17 anos) Segunda e quarta 8:00 às 17:00
6ª semana	Téc. Percussão (3 horas a crianças de 10 a 13 anos / 3 horas jovens 13 a 17 anos) Segunda e quarta 08:00 às 17:00
7ª semana	Técnica de Malabares (todos os jovens)
8ª semana	Téc. Percussão (3 horas a crianças de 10 a 13 anos / 3 horas jovens 13 a 17 anos) Segunda e quarta 08:00 às 17:00
9ª semana	Jogos teatrais (3 horas a crianças de 10 a 13 anos / 3 horas jovens 13 a 17 anos) Segunda e quarta 08:00 às 17:00
10ª semana	Preparação dos números com as habilidades adquiridas
11ª semana	Preparação do espetáculo (início)
12ª semana	Rever téc. de malabares com todos
13ª e 14ª semanas	Ensaio
15ª semana	Ensaio geral

Comentários do grupo:

- O grupo acrescentou , que só na 6ª semana e que vai para a técnica;
- Inicia com jogos percussivos para depois vir para técnica de percussão e malabares;
- Tendo como base a faixa etária, trabalha malabares todos juntos e percussão grupo separado;
- A importância dos jogos teatrais, para ter noção de teatro e espaço para as crianças e jovens mostrarem suas habilidade e partindo disso, encaixar-los no espetáculo.

Comentários sobre o grupo

- Dividir o grupo em dois é uma idéia legal, assim como desenvolver, também atividades com todos;
- Mostrar habilidade para ajustar o espetáculo é uma forma boa para as crianças e jovens, ao ponto de ser importante essa atitude não se limitar ao espetáculo mas, torna-se rotina nos projetos.

Grupo B
TEMA: CRIATIVIDADE

Objetivo:	Proporcionar aos jovens possibilidades de recepção do meio através das linguagens artísticas para o desenvolvimento cognitivo, possibilitando sua inserção social.
Proposta:	<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento (dinâmicas de apresentação, jogos de socialização); • Recepção (Observação do meio; expressar-se através do corpo, do som e da plástica); • Estímulo à criatividade (Jogos com ritmo, interpretação gestual, jogos que desafiem a criatividade).
Criação e Interpretação temática	<p>Comentários:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Importância do acolhimento, Pois devemos nos preocupar com o meio onde estamos colocando as crianças e jovens; • Michel ressaltou que da 1ª etapa (recepção) para 2ª, não precisa de muito tempo.

Obs: Não deu tempo o grupo propor a temporalidade no seu planejamento.

Grupo C
TEMA: AUTOCONFIANÇA

Percussão: Faixa etária de idade 10 a 17 anos	
Tempo de duração para construção do mesmo: 15 semanas (2 dias por semana, 3 horas por dia)	
1ª semana	Jogos que envolvam os nomes e a características individuais do grupo Apresentação do circo (o que é, o que se faz nele)
2ª semana	Escolha da técnica a ser trabalhada no decorrer das oficinas: Perna de pau, o primeiro contato do educando com a técnica, para despertar seu interesse por ela.
3ª semana	Importância do aquecimento Jogos que envolvam o contato físico entre educandos e o educador
4ª, 5ª e 6ª semanas	Jogos de aquecimento que envolva o contato físico entre os participantes Iniciação das atividades com perna-de-pau
7ª e 8ª semana	Propor exercícios para que os educandos descubram suas potencialidades
9ª e 10ª semana	Desenvolver através de jogas a capacidade dos educandos solucionar problemas
Da 11ª a 15ª semana	Executar exercícios de interação dos jovens na sociedade.

Comentários:

- Houve um pequeno debate proposto pelos facilitadores: O que fazer quando um aluno tem progresso mais rápido que os outros ? Foram apresentadas várias possibilidades pelos participantes, tendo como base suas experiências.

Grupo D
TEMA: COOPERAÇÃO

	Tempo	Objetivo	Exercícios:
1ª Etapa Acolhimento / Brincadeiras / Jogos	5 semanas	Proporcionar aos participantes através de brincadeiras populares e jogos (atividades) a cooperação entre os mesmos	Pira cola, Círculo fechado, bandeirinha, Brincadeira da Construção da máquina , Brincadeira da cadeirinha
2ª Etapa Jogos com materiais circenses	5 semanas	Proporcionar aos participantes a utilização de materiais através de jogos cooperativos	Repasse das bolas de malabares com ritmo e som. Construção do jogo do repasse com os pés de um para o outro.
3ª Etapa Jogos teatrais	5 semanas	Construção de cenas com ações de cooperação	Construção de história; Criação de cena a partir das observações dos participantes; Criação de cenas através da observação de fotos ; Ações cotidianas que estejam ligadas a reportagens de jornais e revistas, que retratem ações cooperativas

06/maio/2004(manhã)
Local: SESC – Piedade

Exercícios em círculo usando palitos e depois com bastões como forma de contato. Ao som de uma música todos fazem movimento de acordo com seu ritmo, sem soltar um do outro. Os facilitadores ressaltam que a comunicação não é verbal, ela passa por outros sentimentos.

Construção de histórias, com mímica, dando uma outra função aos objetos disponíveis (palitos, claves diabolo, etc...) propostos pelos facilitadores.



Trabalhos dos Grupos

	Material	Uso
1º grupo	Palitos	<ul style="list-style-type: none">- Jogo pega vareta- Salão de beleza (manicures)- Na clinica (médicos atendendo uma paciente)- Consultório odontológico
2º grupo	Claves (malabares)	<ul style="list-style-type: none">- Guitarra (música)- Binóculo; Microfone- Bengala para idosos- Termômetro e seringa- Pá e colher grande- Taco de basebol
3º grupo	Diabolô	<ul style="list-style-type: none">- Lata de água- Cálice (igreja); Bola- Chapéu de soldado
4º grupo	Diabolô	<ul style="list-style-type: none">- Bobe para cabelo- Microfone- Vaso sanitário- Penico; Panela- Vaso para comida de cachorro- Telefone sem fio- Cinzeiro
5º grupo	Bastões	<ul style="list-style-type: none">- Vassouras e rodo- Aspirador- Microfone e guitarra- Armas- Material de balizas- Instrumento de sopro- Bengalas para velhos e cegos- Cruzes
6º grupo	Cinto de segurança	<ul style="list-style-type: none">- Adereço de desfile- Cinto para cachorro e cavalo- Cabo de guerra- Avião

O papel do instrutor é de estimular a criatividade, ver a proposta de forma positiva e através dela trabalhar



06/maio/2004(tarde)

Local: SESC – Piedade

Após os exercícios de alongamento e aquecimento, os componentes da oficina foram convidados a debater sobre o papel dos instrutores e dos projetos sociais dentro da dinâmica do Circo Social. Esse foi um momento muito interessante de troca sobre os projetos presentes na oficina, socializando os diferentes trabalhos desenvolvidos nos projetos, diferenças e semelhanças.



O grupo foi distribuído por projeto e registrando (em cartolinas) os conteúdos propostos por Michel, partindo do desenho de um brasão, onde continha as seguintes questões:

Descrição do Projeto	Publico que Trabalha
Papel na Sociedade e Papel da Instituição	
Como faz as Oficinas	Quais os principais resultados

Trabalhos

A - ESCOLA CIRCO MANO SILVA - Fundação Papa João XXIII,

<p>Ação do Governo da Política de Assistência Social da Prefeitura de Belém</p>	<p>Crianças e Adolescentes em situações de risco social; PETI, Bolsa Escola, Projeto Conquistando a vida. Atendimento a Região Metropolitana de Belém. Priorizando as crianças em situação de risco social. LOAS: Lei orgânica da Assistência Social. Meta: 500 crianças atendidas</p>
<p>. Garantir às crianças e adolescentes um futuro justo, saudável, criativo, crítico e feliz. . Garantia dos direitos: reafirmação dos direitos da criança e adolescente (ECA) . . Retaguarda do Conselho Tutelar</p>	
<p>Oficinas divididas por modalidades: faixa etária e interesse das crianças e adolescentes.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Malabares • Monociclo • Tecido chinês • Equilibrismo (foca) • Arame • Perna de pau • Teatro • Dança • Artes plásticas 	<p>. Permanência da criança na escola, melhoria de relacionamento familiar, saída das ruas, bolsa escola, PETI</p>

B - SUA MAJESTADE O CIRCO

<p>(Arte-educação)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Circo: malabares, perna de pau, tecido, pirofagia, diabolô, monociclo, palhaço • Dança popular: Guerreiro, pastoril, baiana <p>Teatro: Baú de letras, Ginástica olímpica (cama elástica), cidadania, capoeira, arte terapia</p>	<p>Crianças de 5 a 12 anos Jovens 13 a 17 anos 18 à 22 anos Jovens da periferia do Jacintinho e Rio Novo Moradores da Vila EMATER (favela do Lixão)</p> <p>100 jovens PETI 179 no Total</p>
<p>Resgatar a auto-estima, a cidadania, tirar as crianças do lixo, levar as crianças para a escola regular e para o circo, tirar as crianças da rua, trabalho com a família.</p>	
<ul style="list-style-type: none"> • Segunda a sexta, das 09:00 às 12:00 e das 11:00 às 16:00 • Cada modalidade com duração de 40 minutos 	<ul style="list-style-type: none"> • Resgatamos algumas crianças que viviam na rua e que hoje estão na escola regular e no circo. • Aumento da frequência na escola regular e no circo • Criança fora do lixo, fora das drogas • Melhor relacionamento com família • Troca de experiência com os três núcleos

C - INSTITUTO DE ECOCIDADANIA JURITI

É um projeto social que trabalha com crianças e adolescentes em risco, dando uma oportunidade de ter um futuro melhor através do “circo escola de ecocidadania” e das atividades da sede, que trabalha meio ambiente e cidadania.	Com crianças e adolescentes com faixa etária de 07 à 18 anos (120); Adolescentes em liberdade assistida (34); As famílias.
Através das artes circenses difundem plásticas ambientais para comunidade; Fazer com que os jovens descubram suas capacidade de construir sua cidadania.	
As oficinas funcionam diariamente, manhã e tarde com as modalidades: MONITORES: Robson/ Flávio/ Josivaldo	Melhoria do rendimento escolar; Meninos e meninas deixam de estarem na rua; Diminuição da violência na hora do recreio; Formação de adolescentes que estão assumindo o trabalho junto aos outros adolescentes.

D - PROJETO CIRCO PIAUÍ - EZC

<ul style="list-style-type: none">• Formação profissional (através de encaminhamentos à ENC ou outros).• Preservar a arte circense• Realizar debates familiares sobre comportamento• Intercâmbio com diversas escolas do país• Desde 97, de uma necessidade de um grupo de teatro• Incluir as técnicas de circo nos seus espetáculos• Atende hoje 30 crianças nas diversas áreas de circo, teatro de bonecos, música, atualmente funciona no Ginásio Verdão ocupa 4 salas possui lona com capacidade para 700 pessoas. Tem 6 instrutores e alunos voluntários	Crianças e adolescentes de 10 à 18 anos, residentes na zona Norte de cidade e bairros da periferia (Região Norte Bairro Matadouro), possui alto índice de periculosidade
Transformar os jovens e adolescentes através do circo e promover a inserção social. Contribuir para o resgate de jovens em situação de risco a integrar-se socialmente através da arte-educação.	
<ul style="list-style-type: none">• Circo todos os dias da semana, aquecimento/alongamento e sala de aula aberta aos sábados• Modalidades: Circo, teatro de bonecos, criação de textos, música e percussão	<ul style="list-style-type: none">• Consolidação do resgate do Circo no Piauí• Reabilitação de jovens em situação de risco• Realização de espetáculos (A Lenda, O Sonho de Tziu, Enigma)

E - GRANDE CIRCO ARRAIAL – ESCOLA PERNAMBUCANA DE CIRCO

Trabalha com crianças, adolescentes e jovens em situação de risco, promovendo a inclusão social através da arte	Crianças, jovens, adolescentes e a comunidade
<ul style="list-style-type: none"> Fortalecer a cultura local, o exercício da cidadania e a inclusão social 	
<p>As oficinas são realizadas diariamente manhã e tarde Inicialmente um Bom dia/ Boa tarde</p> <p>Segunda: Circo e teatro Terça: Dança e percussão Quarta: Circo e oficina de trabalho em grupo Quinta: Percussão Sexta: Circo e oficina de trabalho em grupo Sábado: Trupe</p>	<ul style="list-style-type: none"> O educando perceber seus deveres e direitos permanentes da sociedade Desenvolvimento de sua coordenação motora e o estímulo a sua coordenação motora e o estímulo à sua criatividade Espetáculos resultados

F - HISTOFARIA TEATRAL

Alfabetizar meninos e adolescentes através das artes circenses. Teoria e prática.	Rua, favela; Faixa etária: 08 à 22 anos (53 atendidos); OBS: com o tempo começamos a atender alguns adultos do sexo masculino (06 atendidos); Família .
<p>Inserir-los como cidadãos participantes da sociedade. Estrutura-los para se tornarem cidadãos participativos, responsáveis e capazes de contribuir para uma sociedade melhor.</p>	
<p>MALABARISMO: terça/ sábado ACROBACIA: segunda/ quarta/ sexta-feira PERNA DE PAU: quarta/ quinta/ sábado DIABOLÔ: segunda/ terça-feira PIROFAGIA: sexta/ sábado.</p>	<p>Documentação, escola (permanência), sociabilização, coletividade, responsabilidade, ética, família, companheirismo, diminuição da violência, percepção do amanhã, respeito, confiança, reconhecimento que eles tem direitos e deveres.</p>

G - ARRIRCIRCO

Primeiramente a educação é fundamental. O principal objetivo, os quatro pontos cardeais: Responsabilidade, solidariedade, criatividade e performance dos jovens (escola e sociedade)	A meta maior do Arrircirco é trabalhar com crianças e jovens de comunidades carentes.
<ul style="list-style-type: none">• Iniciamos com o “Bom dia”, antes das atividades• Uma dinâmica coletiva• O aquecimento• Início das atividades circenses	Transformar sonhos em realidade



07/maio/2004

Local: SESC – Piedade

Manhã

O último dia da oficina, foi iniciado com alongamentos e aquecimento e, logo após, os participantes foram convidados a movimentar-se e ocupar toda a sala explorando as diferentes alturas que o seu corpo possa conseguir. Todos deveriam caminhar de acordo com o ritmo da música. Em seguida foram desenvolvidos os jogos de personagens, utilizando chapéus como artefato. Atividades e cuidados na perna de pau.

Tarde:

Iniciamos com atividades de confiança, atenção e orientação espacial. Exercício do guia e desenvolvido de forma progressiva em dupla, em grupo e com todos. Um é o guia e os outros, com venda nos olhos, são guiados.

Comentário: Para trabalhar com jovens, devemos lembrar que a confiança é frágil e nós os acompanhamos, cuidando da segurança. Caso ele esteja perto de um precipício, temos de evitar que ele caia.



O Papel do Espetáculo

O grupo foi convidado a falar sobre o papel do espetáculo nos projetos de circo social, tendo com base as suas experiências. Para ilustrar o debate, dois participantes contaram fatos ocorridos nos seus projetos que resultou em reflexões importantes para a postura dos mesmos.

Reflexões destacadas no debate:

- Quando fazemos o espetáculo, corremos o risco de excluir;
- Perceber que tratamos de fazer performance e precisamos ter objetivos claros para que cada criança/jovem ache seu lugar para mostrar o potencial, pois todos devem ter seu espaço;
- Cuidado para não virar diretor e esquecer o papel de monitor. Preocupados com nossa imagem e não com os jovens;
- Tem que ter prazer e paciência;
- É um momento importante de avaliação.



III- ATIVIDADE COMPLEMENTAR

“Arte/educação como instrumento de intervenção social”

Na tarde do penúltimo dia da oficina, como atividade complementar de aprofundamento e estudo, foi organizado pela EPC um pequeno seminário.

Para desenvolvimento do tema, contamos com a participação do Professor MARCO CAMAROTTI (Universidade Federal de Pernambuco - UFPE)

Aprender é inicialmente emocional, é mais que aprender racionalmente. A arte, e somente a arte, é capaz de acabar com a violência.



Marco iniciou sua fala com essas afirmações anteriores e apresentou um caso como ilustrativo e provocativo do debate. O caso traduziu uma experiência concreta da sua passagem como educador em um projeto social para formação de jovens em Recife. Ele ressaltou suas dificuldades de início das atividades até perceber a potencialidade dos jovens e ter, a partir desse momento, sucesso com o seu trabalho.

Partido desse relato, ele levantou várias afirmações e questionamentos teóricos pertinentes a nossa prática como educadores.

Destacamos alguns pontos para reflexão:

- As metodologias (o que está escrito) são fontes, é a nossa prática que nos ajuda a organizar a nossa ação;
- Os jovens precisam se sentir criadores/construtores no desenvolvimento de uma ação. A possibilidade que arte dá ao ser humano é a possibilidade de ser Deus, de construir. “Se sou Deus, posso mudar o mundo”. Elemento utópico/pedagogia da arte;
- O ser humano, desde início, faz arte em busca de respostas para se entender. A filosofia dava conta do material e o interior. A ficção é a grande invenção do homem (possibilidade de criar o mundo diferente do que ele vive). A arte nasce da insatisfação do ser.
- A arte é educativa enquanto arte, ela é educativa. Arte não é instrumento de educação, ela é a educação;
- Arte – dimensão pedagógica e a pedagogia – dimensão estética. O ato do ator, do pintor, compositor, produtor artístico é fruto da doação de alguém para que o outro se reconstrua, se faça melhor (isso é estético). Educação estética (fenômeno estético está presente na arte). Ética e estética são inseparáveis;
- Arte/educação – é substantiva. Educação artística é adjetivo (a arte);
- O homem só é homem enquanto brinca. Senti-se parte integrante da vida” (Chiler);
- Os filhos devem ser cuidados como parte integrante da sociedade. Para que ele se sinta construtor e não ser corrosivo no trato com as relações;
- A arte como ação do homem pode ser manipulada. Ela não é mágica. Ela já foi usada como instrumento de opressão. Em 1971 – Governo brasileiro da ditadura obrigou a arte nas escolas e esqueceu que não tinham professores

de artes. A forma como o Governo coloca a arte na escola, pode fazer de forma ideológica. Todos os ditadores pegam a arte para seu lado e manipulam. Porque ela é um instrumento perversivo;

- A arte deveria ser uma vivencia na escola e não como disciplina.
- Nada é tão importante quanto à relação humana, nenhum conteúdo é maior que o afeto. Arte com um compromisso: “Quero amar e ser amado”. Educação não pode ser feito sem amor (Paulo Freire);
- Não tem receita. A relação é que é o caminho, o emocional. Ser artista, é ser generoso;
- O circo foi muito rejeitado ou visto como uma arte menor. É preciso disseminar uma discussão para não cometer injustiça. O circo ser reconhecido como ator cultural, para que a transformação aconteça. Pois, vivemos um período de transição de circo do tradicional. E não podemos esquecer que uma das características do circo brasileiro é a variedade. E é preciso tornar menos desumano com os artistas, essas transformações que o circo passa. Apesar de haver problemas pedagógicos com os artistas de circo de processos tradicionais;
- 1998 – Usa-se o nome contemporâneo para as transformações do circo.

Após a apresentação de Marco, foi aberto o debate para a plenária, constituída, em sua maioria, pelos participantes da oficina e demais convidados e interessados com o debate.



IV- AVALIAÇÃO FINAL

5 - AVALIAÇÃO

Hosani (EPC): Esclareceu bastante minhas dúvidas e me fez despertar para a questão que educar não existe fórmula pronta. Achei a condução do trabalho bastante descontraída e isso foi fundamental. Achei que a Palestra do Professor Marcos Camarotti foi muito boa, no entanto ele limitou-se e defendeu a questão do circo tradicional e não o circo social. Outro ponto positivo é que o grupo foi coeso e enturmado com ressalva para o pessoal de Natal, um pouco isolado. Outra coisa que aprendi é que nem sempre a atenção deve ser chamada no grito.

Jannesson (EPC): Esclareceu bastante minha cabeça, facilitou o trabalho. Achei interessante a explicação sobre como o aprendizado das atividades acontece, é processual. Acho também que depois da oficina compreendi a importância de ser mais paciente e como adequar o que aprendemos com as crianças. Um outro aspecto forte é de que a hierarquização da escola acontece de um jeito diferente, a EPC é privilegiada por trabalhar assim, nós não somos presos. Acho muito bom também perceber que falamos com muita propriedade da Escola, não precisamos de quem fale por nós, sabemos o que desenvolvemos e qual a nossa linha de trabalho. Achei negativo algumas coisas terem que ter sido suprimidas da oficina por causa do atraso do pessoal na oficina e no hotel. Uma outra questão é que o espaço não foi legal: tinha gente passando o tempo todo, não era tão amplo e tinha o barulho da musculação lá embaixo, a chuva e o vento também não foram legais.

Mas a moral da história: Caso tenha-se fórmula, não é para reproduzir e copiar com os meninos mas é readaptar e/ou criar. As dicas de segurança foram muito boas.

Júnior (EPC): Eu pensei que fosse diferente, mas entendi depois o que era a proposta. Eu achava que era só técnica. Passava o tempo e as aulas de técnica não começavam. Percebi que o que eles iriam fazer era outra coisa. Entendi que o que eles ensinaram era para nós ensinarmos as crianças. Ensinaram como devíamos tratá-las: com mais paciência, sem gritar, realizar mais brincadeiras, tornar as aulas mais divertidas.

Algumas coisas eu já sabia, mas aprendi muitas outras novidades. Cinco dias não foram suficientes. Mas foi ótimo.

Eu estava com medo de participar, com medo de que tivesse que escrever. Tive medo, mas enfrentei, decidi tentar, perdi o medo. No decorrer da oficina encontrei quem tivesse mais dificuldade do que eu; mas aí o grupo estava tão entrosado que nós ajudamos a eles. Em outros momentos, me ajudaram e pediram ajuda a mim, também.

Achei muito positivo como eles conduziram a oficina. Eles fizeram o grupo ficar entrosado. O que aprendi tem servido nas minhas aulas. Achei legal também é que o que aprendemos servirá também para criarmos uma oficina para oferecermos aos outros. Não tenho pontos negativos sobre a oficina. Só achei que não foi legal ter tantos breaks, poderíamos ter utilizado esse tempo para aprendermos mais coisas.

Ieda (FANPAPA): foi importante, uma vez que temos dificuldade na formação dos instrutores na área de circo. Destaco a troca de experiência e os jogos apresentados, que desenvolve vários aspectos da criança, não só o aspecto físico, mas também a

cooperação, solidariedade conscientização. Um outro ponto importante foi debate sobre o circo social que leva o debate além da técnica.

Flávio e Josivaldo (Ecocidadania): foi importante conhecer novas pessoas . A oficina foi importante para nossa vida e para nosso projeto. Vele salientar da nossa responsabilidade em repassar para os outros do projeto.

Robson (Ecocidadania): salientou a importância do encontro em aprender e repassar para os demais do projeto.

Tiago (Histofaria): Foi uma melhor orientação para o trabalho de circo social. Foi bom ter a certeza que estamos no caminho certo e a necessidade de ajustar para caminhar melhor.

Rosivaldo (Sua magestade...): Gostei de Paul , porque ele ensina através das brincadeiras.

Junior (Pequeno Tigre): conhecer as ações de circo social do norte e nordeste que integram a Rede Circo do Mundo Brasil, nos deu a dimensão exata do potencial do povo brasileiro, sobretudo das populações daquelas regiões, para enfrentar com criatividade e competência a desigualdade e a pobreza em nosso País. Fico feliz de ter tido a oportunidade de atestar a qualidade da intervenção sócio-política, cultural e educativa do circo social do norte-nordeste.





VI
COMENTÁRIOS DOS OBSERVADORES

O CIRCO SOCIAL COMO FATOR DE REDENÇÃO

Marco Camarotti¹

Um grande equívoco tem sido cometido pela maioria daqueles que já ocuparam o poder político-administrativo neste país: o de julgar irrelevantes ou secundárias as questões que dizem respeito à educação e à cultura, em especial aquelas relacionadas às diversas expressões artísticas.

Entretanto, todos os países que conseguiram avançar em termos de uma eficaz melhoria da qualidade de vida de seu povo, alcançou esse resultado a partir do reconhecimento de que educação e cultura são áreas prioritárias e fundamentais para qualquer sociedade que deseje superar suas dificuldades. E nunca é demais lembrar que só a cultura pode nutrir um processo de educação sólido e conseqüente, pois é ela que faz a educação e não o contrário, como por muito tempo se tentou fazer acreditar.

Além disso, mesmo o homem que tem garantida sua alimentação, sua casa, seu vestuário e desfruta ainda de outros benefícios materiais não é um homem necessariamente feliz e em bem-estar, pois estará faltando a ele o elemento mais desafiador de todos, ou seja, a capacidade de lidar de forma satisfatória com a inquietude que domina a alma humana desde que o primeiro dos homens por aqui apareceu. A necessidade de lidar com o profundo mistério do binômio vida-morte, que aflige e perturba todos os seres humanos ao longo de sua trajetória neste mundo.

Para nos livrar do desespero que poderia tomar conta de nós e nos fazer murchar, diante das inúmeras questões sem resposta que emergem desse mistério, nossos ancestrais desenvolveram variadas tentativas de burlar a angústia, de passar a perna nessa coisa assustadora que chamamos morte. Surgiram, assim, as religiões, os mitos, a filosofia e, principalmente, a arte.

Talvez se possa até dizer que a maior invenção do ser humano e sua maior vitória contra a foice cruel da morte, foi, sem dúvida, a diversão por meio da ficção. A criação de novos espaços de realidade, que podemos manejar por nossa própria vontade e esforço, como fazemos na literatura, na dança, no teatro, no circo e em todas as demais expressões artísticas, pode ser eficiente o bastante para aquietar nossos corações e levar à paz almejada por todos.

No dia em que o Poder Público finalmente reconhecer que uma política cultural adequada e responsável é condição essencial e inevitável para a boa condução do processo de crescimento de qualquer povo ou nação, que ela não deve jamais ser deixada de lado sob a alegação de que as condições materiais sobrepujam em urgência a questão cultural e artística, aí sim, poderemos, de verdade, redimensionar

¹ Ator, encenador, escritor e arte-educador. Professor do Departamento de Teoria da Arte e Expressão Artística da Universidade Federal de Pernambuco. Autor dos livros: *A linguagem no teatro infantil*; *Diário de um corpo a corpo pedagógico*; *Resistência e voz: O teatro do povo do Nordeste*; e *O palco no picadeiro: Na trilha do circo-teatro*.

nossa desagregada e desorientada sociedade. Esse é que é o verdadeiro caminho para a paz, ou, parafraseando Gandhi, essa é a própria paz.

Por isso, programas como os da Rede Circo do Mundo – Brasil, revestem-se de uma importância singular, principalmente se levamos em conta o estado caótico e assustador em que se encontra hoje grande parte da sociedade brasileira. Desde que essa progressiva degradação, resultante do descaso com a formação estética e ética de nossos cidadãos, e fortalecida pela corrupção, pela violência, pelo banditismo, deu os primeiros sinais de constituir uma espécie de epidemia, alastrando-se rapidamente e pondo em cheque quaisquer sonhos de construção de uma sociedade harmônica e justa, muitas soluções foram apontadas, surgindo com insistência no discurso de nossos políticos e administradores. Todas, porém, centravam-se na punição: o encarceramento, independente de idade, a pena de morte e até a construção de campos de concentração na periferia das grandes cidades. Como se a História e séculos de experiência humana não fossem capazes de nos ensinar e de nos levar a evitar tais erros. No entanto, insisto, a questão é de ordem puramente estética e ética. Se havia e há ainda uma possibilidade de dar um basta a esse crescimento negativo, recuperando-se a dignidade de cada indivíduo e a harmonia do todo social, ela está unicamente na disseminação da prática criadora, como fruto de uma relação estética com o mundo e com o outro. Somente através da educação estética, que é inevitavelmente ética, será possível uma real transformação.

O Circo Social traz, em seu bojo, essa idéia e esse desejo. Todavia, até mesmo por se tratar de uma experiência ainda em evolução, a reflexão sobre suas práticas e desenvolvimento precisa ser urgentemente intensificada. Muitos aspectos estão ainda à espera de um debate mais amplo, de uma troca alimentadora entre aqueles que já estão na estrada. Às vezes, movidos pelos melhores sentimentos e intenções, mas carentes de uma visão crítica, de uma base teórica capaz de pô-los em confronto produtivo com suas próprias ações, de sedimentar sua atividade, aliando o gesto espontâneo à elaboração de princípios que possam guiar seu trabalho, fazendo-os alcançar em plenitude os objetivos a que se propõem, priorizando não apenas o elemento artístico, mas, acima de tudo, o desenvolvimento humano e social.

Dessa forma, só tenho a louvar iniciativas como a da realização do primeiro encontro da Rede Circo do Mundo – Brasil, que promoveu, de 3 a 7 de maio deste ano, a Oficina de Formação de Educadores de Circo Social – Etapa Norte/Nordeste. Evento do qual participei na qualidade de observador, a convite da Rede e da Escola Pernambucana de Circo. A oficina foi ministrada por dois integrantes do Cirque du Soleil, conhecida e respeitada empresa circense do Canadá. Um deles, Michel La Fortune, Coordenador do Programa de Circo Social; o outro, Paul Vachon, assessor do Programa de Formação do Departamento de Assuntos Sociais e Cooperação Internacional.

As idéias e os processos trabalhados pelos dois oficinairos corresponderam àqueles que orientam a preparação dos profissionais de arte-educação, que, no Brasil, desde 1973, passou a ser de responsabilidade das universidades e dos cursos de Licenciatura em Educação Artística, por força da lei 5692, de 1971. Com uma visão pedagógica e estética coerente com os propósitos básicos da arte-educação, os oficinairos mantiveram, durante todo o processo, a noção de que educação envolve

não só o reconhecimento de que cada ser é diferente do outro, mas também o estímulo ao afloramento dessas diferenças e peculiaridades, não em busca de fazê-las desaparecer sob uma falsa homogeneização, mas de promover a harmonia entre essas diferenças, o único caminho possível para uma construção social de melhor qualidade.

Os exercícios aplicados, de grande funcionalidade, fazem parte de um universo de jogos bastante aplicados em práticas de teatro-educação, contudo não corriqueiros no ambiente das escolas de circo e dos projetos de Circo Social, como foi corroborado pelo depoimento dos integrantes de cada delegação representada na oficina.

Junto com o balanço positivo desse trabalho, gostaria de afirmar a necessidade de colocarmos em pauta, em nossas reflexões e nas oportunidades de discussão que venham a ocorrer, alguns aspectos que não foram ainda suficientemente tratados, como sugestão para a continuidade do debate que este primeiro encontro da Rede Circo do Mundo – Brasil começou a desenvolver: em primeiro lugar, um estudo mais amplo e aprofundado das especificidades dos grupos sociais e culturais com que cada projeto ou escola trabalha, pois a primeira tarefa de todo educador é a de reconhecer o universo de seu educando, elevando-se a ele e colocando-se em postura de aprendiz, para poder gerar, na medida certa, o respeito e o amor essenciais à tarefa educativa; a criação de metodologias de trabalho que, embora não ignorem as já aplicadas, muitas das quais compõem hoje um razoável quadro bibliográfico no Brasil, dêem prioridade à natureza social e cultural de cada grupo trabalhado, além do fato de que a aplicação de qualquer jogo deve ser precedida pela vivência do jogo por parte de cada instrutor; a importância de se absorver artistas do circo tradicional no quadro de instrutores, reconhecendo a real sabedoria que possuem, ainda que não formal ou acadêmica, possibilitando, assim, um meio mais justo de operacionalizar a passagem do Circo Tradicional para o Novo Circo ou Circo Contemporâneo, bem como abrindo espaço para a ampliação dos números que compõem seus repertórios, respeitando e recuperando, desse modo, duas das características mais brilhantes da história do circo brasileiro: sua diversidade e sua invenção criativa; a necessidade de se incluir, no quadro de cada projeto, profissionais de arte-educação, que são, em princípio, capacitados para mediar e conduzir a ação dos grupos de instrutores; por fim, uma questão crucial: a elaboração de estratégias que estimulem a ampliação do mercado de trabalho, possibilitando, àqueles que atingem a idade limite de permanência imposta aos projetos, a chance de continuarem desenvolvendo as atividades específicas em que se habilitaram, sem cair na orfandade pura e simples, pois esta pode apontar na direção de um indesejável e contraditório ingresso ou retorno à marginalidade.

O JOGO DA VIDA

Cristina Diôgo*

Aprender a jogar é um desafio humano que acompanha toda a existência. Aprender a jogar com prazer, harmonia, confiança, segurança, companheirismo e solidariedade faz com que a vida de milhares de meninos e meninas que hoje fazem parte do circo social por todo mundo seja ressignificada adquirindo confiança em si e no outro na construção de um mundo cidadão.

No jogo da vida nossos educandos são treinados desde muito cedo a receber ordens, a sempre dizer sim, a aceitar com resignação a miséria e a fome, a serem alvo de todas as formas de violência numa cumplicidade silenciosa com a banalização da existência. Neste jogo vale tudo para continuar sobrevivendo.

Na esperança do conhecimento do lugar social de quem olha, a pedagogia do circo social traz a luz novos desafios para que partindo da compreensão do seu próprio corpo e do corpo do outro motive a interpretação da realidade e conseqüentemente fortaleça o desejo de mudança.

Estes corpos em movimento são marcados pela desnutrição, pelo uso da força no trabalho infantil, na sua maioria necessitando de correção de postura desconstruindo a memória corporal dando lugar a um corpo em prontidão para o enfrentamento cidadão da existência coletiva.

Os jogos vivenciados na Oficina de educadores sociais ministrada por Paul Vachon e Michel Lafortune, realizada em maio de 2004 em Recife abre novos caminhos para o exercício cotidiano no interior dos circos escola, seja na barriga da lona ou nos galpões, espaços onde acontece o milagre da troca da tristeza pela alegria; da desesperança pela esperança, do medo pela confiança, da agressão por gestos de amor. Os jogos seguiram harmoniosamente uma trilha corporal: jogos de identificação de si e do outro na perspectiva do grupo; Jogos que estimulam a criatividade, jogos que possibilitam à prática da liderança; jogos que mechem com o equilíbrio e possibilitam a confiança; jogos que favorecem a auto estima; jogos para alongamento e relaxamento, todos gerando uma atmosfera capaz de permitir que a memória corporal de oprimido passe a condição de liberdade com responsabilidade.

O mais importante na transmissão e vivência destes jogos foi a total participação do grupo de educadores, que envolvidos pela linguagem corporal foi gradativamente ressignificando suas existências, compreendendo passo a passo da necessidade do jogo no processo de construção de conhecimento das artes circenses que passam a ter uma nova dimensão onde são agregados novos valores que serão repassados a medida em que cada educando for absorvendo a proposta pedagógica da Rede Circo do Mundo.

A parceria de Paul Vachon de Michell Lafortune no processo de realização da oficina não pode ser esquecida e este espelho refletido nos pequenos gestos, no sorriso, no acolhimento do grupo, na ausência de repressão, na tonalidade harmoniosa da voz sempre sugerindo e nunca impondo proporcionou uma reviravolta na cabeça dos

participantes que aos poucos foram compreendendo o verdadeiro significado do respeito às diferenças e da necessidade do trabalho compartilhado: O céu é imenso e todas as estrelas brilham da maior a menorzinha.

Aos poucos corpos encorajados foram se libertando da dor e do medo dando lugar a corpos postados para a vida, desejosos de replicar o que foi construído durante a semana que passou onde a energia corporal gradativamente foi se tornando mais leve e prazerosa.

Tivemos a oportunidade dupla, como observadora e realizando o registro de imagens de perceber a cada dia as mudanças que iam acontecendo com cada educador em relação à postura do seu próprio corpo e ao corpo do outro. E fomos mais adiante, quando do retorno da oficina, no cotidiano do Circo Escola de Ecocidadania, observando como o trabalho ficou mais fácil, mais leve, mais divertido, mais harmonioso, nos fazendo reforçar a crença do protagonismo e na educação dos pares.

Seria interessante que houvesse um pequeno relato da coordenação pedagógica dos projetos sobre as mudanças operadas nos educadores após a realização da oficina. Pudemos observar nos nossos três jovens que participaram da experiência mudanças significativas. Segundo a qualificação do jogo das cores, um jovem do grupo dourado, um jovem do grupo laranja e um jovem do grupo verde. Eles fortaleceram seus laços de cumplicidade e parceria. Passaram a se preocupar com mais intensidade com a segurança do grupo. Chegaram com novas formas de comunicação com seus educandos, mais criativa, mais respeitosa, escutando mais o outro e principalmente compreendendo que cada um tem uma história diferente que precisa ser considerada. Passaram a olhar os aparelhos circenses e a lona como algo que deve ser cotidianamente preservado e esta preservação foi alvo de construção de regras coletivas que melhorou sensivelmente a relação dos educandos com os materiais disponíveis para eles. Este espírito de cooperação vem possibilitando um planejamento e uma ação na Lona do Circo Escola de Ecocidadania que tem chamado a atenção de todo o grupo de trabalho do IEJ que também vem aprendendo com estes jovens.

Cada um do seu jeito passou a se perceber e a perceber o outro como uma fonte inesgotável de criação, de desejos, de sonhos e de mudanças. Apesar do contexto em que vive, determinado pelas condições materiais em que vivem na sua família, seu bairro, na sua escola e no próprio projeto, que hoje não dispõe de nenhuma fonte de financiamento, estão muito mais seguros em relação ao que desejam para as suas vidas e esta clareza tem contribuído profundamente para o processo de construção de conhecimento em relação aos seus educandos. Ao invés de lamentações diante das dificuldades e desafios estão construindo alternativas e a cada dia cresce a certeza de que estão no caminho certo.

Jogar na vida como instrumento pedagógico aos poucos vem sendo incorporado pelos educadores em processo de formação facilitando o diálogo e a construção de conhecimento. A cada jogo vivenciado os educadores vão fornecendo aos educandos elementos que possibilitam a entrada em contato com as suas realidades na perspectiva da transformação. Não é um jogo muito fácil, pois na condição cotidiana de perdedores eles se vêem incapazes de lutar e de garantir um espaço dentro da sociedade. Esta relação com a vida é trazida para os jogos dentro das

oficinas circenses aonde o desafio e os riscos das modalidades circenses aos poucos vão sendo refletidos na própria existência: a medida em que o menino ou a menina consegue fazer bem o que lhes é recomendado(a), esta experiência exitosa ele(a) leva para casa, para a escola e para a rua. O jogo bem jogado muda a condição destas pessoas que estão sendo oportunizadas a estarem atentas para lutar por mudança e por qualidade de vida. O jogo traz esperanças, torna utopias possíveis e fortalece a condição de cidadão.

A simplicidade destes jogos onde se utiliza material de apoio extraído do próprio cotidiano: bolas, indumentárias de velhos figurinos, pedaços de bambu, bastões de madeira, diversos instrumentos musicais e cordas dão elementos para a concretização da brincadeira. Estes elementos agregados as expressões corporais em suas múltiplas dimensões favorecem a eficácia dos jogos onde se trabalha a escuta, a fala, o ritmo, a prontidão, o silêncio, os sons, que misturados ao desejo de participação provocam mudanças significativas nas vidas dos educandos.

OBSERVAÇÕES DE UMA OBSERVADORA PRIVILEGIADA....

Alice Viveiros de Castro

Foi um imenso prazer acompanhar a realização da oficina de Paul Vachon e Michel LaFortune com o núcleo Norte-Nordeste da Rede Circo do Mundo, realizada em Recife com a deliciosa hospitalidade da Escola Pernambucana de Circo.

O prazer já estava garantido pelo local e pelas companhias – tudo gente do bem num lugar delicioso e com disposição de aproveitar ao máximo o momento e as oportunidades.

Neste breve relatório não me atenho a relatar a oficina, mas me proponho a apontar acertos, ganhos e possíveis caminhos, acreditando ser essa a melhor retribuição pelo privilégio de ser testemunha desse encontro.

Antes de tudo devo ressaltar a importância da realização de atividades direcionadas aos professores dos projetos de circo-social no Brasil. Sem dúvida em qualquer lugar do mundo é importante a realização de cursos ou encontros para o aperfeiçoamento dos profissionais responsáveis pela orientação dos jovens mas no Brasil esta ação é mais do que importante, é essencial.

A imensa maioria dos projetos de circo é fruto de um grande desejo de atender aos jovens, mas carecem de metodologia, de conhecimento específico – e não falo apenas das especificidades do circo, mas também de conhecimentos de pedagogia e psicologia, entre outros. Se o ensino das artes circenses ainda não dispõe de uma metodologia básica razoavelmente estruturada, que dizer do ensino das artes circenses como instrumento de integração social? A verdade é que a maioria dos projetos tem alcançado resultados interessantes e significativos, fruto do mais completo voluntarismo, dedicação e, porque não dizer, proteção divina....

Na maioria dos projetos encontramos educadores que realizam um belo trabalho, mas que não tem a mais mínima idéia de como e porque acertam, ou onde erram, ou ainda, de como poderiam melhorar os seus trabalhos.. Toda a atividade que promova a reflexão sobre a experiência de educar é válida. E no caso do circo-social – essencial.

Os jovens atendidos pelos projetos já sofreram demais, nossa responsabilidade é proporcional à irresponsabilidade com que eles são tratados pela sociedade em geral. Se para qualquer jovem o fracasso é uma experiência traumática que pode trazer sérias conseqüências na formação de sua personalidade, para um jovem com poucas oportunidades o fracasso pode ser determinante em suas escolhas futuras. O projeto representa para a imensa maioria dos jovens atendidos A Oportunidade de se encontrar consigo mesmo, de se sentir parte de algo, de se sentir capaz de contribuir com a sociedade. O educador acaba tendo sobre seus ombros tarefas muito maiores do que o ensino de uma habilidade específica e essa é uma sensação devastadora e tão pesada que muitos preferem simplesmente não parar para pensar na sua tarefa, e dedicar-se a realiza-la com o coração e a intuição. Pensar poderia levá-lo compreender coisas que é melhor nem conhecer...

(este último parágrafo acabou ficando tremendamente dramático, meio assustador... mas estou pensando, eu também, coisas que nunca parei para

pensar... a responsabilidade de ser responsável pelos que ninguém se responsabiliza... – caraca.)

Ainda bem que existe essa coragem cega, esse desejo tão imenso de estar ao lado, de apoiar, de ajudar a transformar. Porque é preciso fazer alguma coisa e se ficarmos esperando estarmos preparados para só então começar a agir ninguém nunca fará nada.

Retomo à experiência por mim presenciada em Pernambuco em maio deste ano. A seguir listo alguns pontos que me chamaram a atenção:

1. Paul Vachon e Michel LaFortune são **excelentes** professores: sabem o que se espera deles, conhecem o assunto, respeitam o grupo e procuram a todo momento estar conectados com os participantes mantendo a dinâmica e os objetivos de cada exercício. Sabem como ensinar na ação. (esse método é especialmente indicado para atores sociais intuitivos, gente que faz na prática sem ter muita noção de como nem porque. Quem age compreende melhor com ação do que com preleção)
2. O grupo foi formado por pessoas que se dedicam ao ensino das artes circenses como instrumento de integração social. (essa observação pode parecer óbvia, mas na Oficina do Rio de Janeiro havia participantes que nunca deram uma única aula).
3. O grupo era heterogêneo, no que se refere ao nível cultural, social e à faixa etária. Bom para a dinâmica, bom porque enriquece e diversifica as discussões. Mas por muitas vezes a diferença de idades propiciou a dispersão e dificultou o aprofundamento de determinadas discussões. Muito embora alguns jovens tenham surpreendido positivamente pela percepção e profundidade dos comentários.
4. O espaço para as oficinas não foi o mais adequado. A sala envidraçada, no meio da passagem dos alunos da ginástica dificultava a concentração. O espaço deveria ser maior e mais isolado.
5. Quero destacar especialmente os exercícios de dinâmica de grupo em que se demonstrava a diversidade do grupo, de todo grupo.
6. Outro ponto importante foi a ênfase na noção de progressão no processo educativo.
7. Acho que poderia ser organizado um segundo módulo em que se desse mais espaço para os exercícios educativos e progressivos nas técnicas circenses.
8. Acho que poderia ser organizado um segundo módulo em que se destacassem as diferentes características das diferentes técnicas circenses relacionando-as ao processo educativo como um todo. (ficou meio pedante, mas é algo como o papel do malabarismo na concentração e na coordenação motora; as pirâmides e o trabalho de grupo; exercícios de equilíbrio e a introspecção; os saltos e a auto-confiança ... e por aí vai.
9. Acho que a carga horária deveria ser repensada. Todo encontro inter-estadual deve prever um tempo para conhecer a cidade, desfrutar de eventos culturais em conjunto é uma experiência enriquecedora. Acredito que seria muito importante que os professores vivessem essa experiência junto com os alunos.

10. Muito positivo o encontro dos adolescentes no hotel. Namora também é educação para a vida...
11. Nos ítems 9 e 10 aponto uma questão que considero merecedora de mais atenção. Precisamos valorizar o Encontro. Oficinas, seminários, congressos são importantes pelos temas desenvolvidos, pelas informações que circulam, mas são importantes por permitirem o encontro de pessoas interessadas no mesmo tema. O Encontro é importante por si só. Precisamos admitir que muito do melhor desses eventos se passa nos almoços, nas cervejas da noite, nas conversas na hora do café. Em Recife tive conversas fundamentais com Cleia e com o Júnior que não teria no Rio de Janeiro onde moramos... Sei que qualquer contribuição que possa dar para a Escola Pernambucana de Circo é diferente hoje que nos conhecemos, que rimos juntos, falamos besteiras juntos, do que antes, quando entre nós rolava uma cerimônia.... O mesmo deve ter se passado com os outros participantes. Há que se valorizar o encontro deixando algum tempo para conversas fiadas... (entre pessoas que amam o que fazem, elas nunca são inúteis.)
12. Bom, para finalizar, quero destacar especialmente o espetáculo apresentado no final. A oportunidade de assistir ao ensaio geral de O Vendedor de Caranguejo da Escola Pernambucana de Circo já seria por si só um momento especial. Mas tivemos mais. A noite final nos permitiu conhecer melhor muitos dos participantes. Destaco os meninos palhaços de Juazeiro e os meninos de Natal. Essa é a grande vantagem de trabalharmos com a arte: o prazer é garantido.
13. Já ia me esquecendo de tocar, mesmo que de leve, numa questão que foi levantada no encontro e que acho que deve ser fruto de maiores reflexões: as questões de gênero e o ensino das artes circenses. A discussão foi esboçada em relação à opção da Histofaria de Natal de não trabalhar com meninas mas há muito o que desenvolver nesse ponto. Só para provocar: em terra de Daiane do Santos e Daniele Hipólito nossas meninas circenses só fazem trapézio? Ninguém salta? E como lidar com a forte tendência de sexualizar a participação feminina nos espetáculos?

Só tenho a agradecer a todos pela oportunidade

E me colocar à disposição de todos para o que der e vier e puder

VII- ANEXOS



CÓDIGO DE ÉTICA DO INSTRUTOR DE CIRCO SOCIAL

Princípios e Normas de Conduta

INTRODUÇÃO

A meta de um código de ética é fornecer um referencial comum. Ele determina balizas para os homens e as mulheres que exercerão o papel de instrutor de circo social. Ele situa seus comportamentos em sua prática de formação e no contexto cultural onde irão trabalhar.

O instrutor de circo social trabalha com jovens em dificuldade que desenvolvem relações de confiança com eles. Estes são jovens que muitas vezes foram traídos, feridos e que depositam muita esperança nas ações que eles realizam.

Assim, esta relação com os jovens vai muito além da simples transmissão de uma técnica de circo. Ela deve estar impregnada de uma sensibilidade humana e de certos princípios que regem estas interações a fim de evitar os abusos, negligências e inabilidades que poderiam prejudicar estes jovens ou o programa Circo do Mundo.

Não se solicita ao instrutor que seja um psicólogo, trabalhador social, num escritório ou na rua. Porém, sua atividade está ligada a certas responsabilidades e maneiras de fazer que servem para estruturar suas intervenções dentro do respeito aos jovens, aos seus colegas e aos parceiros que farão parte do mesmo programa.

O instrutor deve estar consciente que suas atitudes e seus comportamentos servem de modelo para os jovens e que este aspecto da relação é tão significativo quanto os conteúdos de aprendizagem que ele quer transmitir.

É neste espírito que são apresentados aqui os princípios e as ações que devem guiar os comportamentos e as atitudes do instrutor de circo social durante as oficinas de circo e, em determinados casos, fora delas.

Estes princípios e normas de conduta são objetivos que o instrutor deveria adotar ao executar sua tarefa segundo os critérios de realização mais elevados.

Princípios gerais:

Este código é o resultado da síntese de códigos de ontologia de várias associações esportivas ou de profissões de caráter social e educativo. Ele se inspira na definição do instrutor de circo social, isto é, na convergência do artístico, do social e do esporte que ele integra numa mesma abordagem de formação.

Este código está baseado nos seguintes princípios fundamentais:

1. COMPETÊNCIA
2. INTEGRIDADE
3. RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL
4. DIGNIDADE E RESPEITO DA CULTURA
5. RESPONSABILIDADE SOCIAL
6. SEGURANÇA
7. TRABALHO DE EQUIPE
8. RELAÇÃO COM O EMPREGADOR

O enunciado de cada um destes princípios é seguido de uma definição e de uma lista de normas de conduta que descrevem como o princípio se aplica às atividades do instrutor. Estas normas de conduta representam uma dimensão importante do princípio.

1. Competência

O instrutor ensinará técnicas que ele domina ou das quais ele pode assegurar o ensino segundo padrões reconhecidos e de maneira segura. Além disso, o instrutor reconhece e respeita seus limites e se compromete a agir sobre eles procurando melhorar sua atuação e a ampliar suas competências.

- 1.1 Ele adquiriu a formação básica necessária para desempenhar o papel de instrutor de circo social.
- 1.2 Ele está conscientizado para identificar o impacto de suas ações na vida das pessoas e dos grupos com os quais trabalha.
- 1.3 Ele leva em consideração os limites de seus conhecimentos e de suas capacidades no exercício de suas funções.
- 1.4 Ele se abstém de trabalhar num contexto inadequado e apresentando riscos que seriam grandes demais e que seriam perigosos para a saúde dos participantes.
- 1.5 Ele sugere exercícios que convêm à idade, à experiência, à capacidade e às condições físicas e psicológicas dos participantes.
- 1.6 Ele forma os participantes de maneira progressiva e sistemática.
- 1.7 Ele faz com que suas oficinas de formação sejam experiências de vida positiva.

2. Integridade

O instrutor se compromete a demonstrar sua integridade em suas atividades de ensino e de acompanhamento de maneira honesta e respeitosa dos outros indivíduos. Ele não faz falsas representações sobre suas qualificações, sua experiência, seu poder ou outras dimensões que projetariam uma imagem falsa do que ele é e que lhe permitiria obter vantagens.

- 2.1 O instrutor se compromete também a estar consciente de seu próprio sistema de crenças, de seus valores, de suas necessidades, de seus limites e de quaisquer outras dimensões que poderiam afetar seu papel.

- 2.2 Ele se compromete a explicar claramente este papel e a satisfazer às exigências do papel diante de todos aqueles com quem trabalha.
- 2.3 O instrutor pode estar em desacordo com alguns comportamentos dos indivíduos que ele forma, sem rejeitá-los.
- 2.4 Além da remuneração que recebe pelo seu trabalho, o instrutor se abstém, no plano pessoal, de aceitar qualquer vantagem afetiva, econômica e sexual relacionada com seu papel.
- 2.5 Ele evita ter qualquer relacionamento sexual com os participantes
- 2.6 Ele evita qualquer forma de assédio sexual ou intimidação.
- 2.7 As ações do instrutor não devem envolver atos delituosos.
- 2.8 O instrutor reconhece toda propriedade intelectual, artística ou de outro tipo que não lhe pertence e que ele usa.

3. Responsabilidade individual

O instrutor aceita as responsabilidades de seus atos e tenta da melhor maneira possível adaptar seus métodos de acordo com a necessidade e com o potencial dos indivíduos com quem trabalha.

- 3.1 Ele consulta seus colegas para evitar efetuar ações que possam representar um perigo para seus participantes ou para prevenir comportamentos que venham ao encontro do código de conduta dos instrutores.
- 3.2 O instrutor se compromete a respeitar os compromissos que assumiu garantindo a realização de sua tarefa segundo os horários, os objetivos buscados e os recursos colocados à sua disposição.
- 3.3 A vida privada do instrutor é uma questão pessoal exceto quando cria um risco de comprometer sua prática de instrutor ou o desenvolvimento do programa Circo do Mundo.

4. Dignidade e respeito da cultura

O instrutor deve demonstrar uma atitude respeitosa com relação aos direitos fundamentais, à dignidade e à cultura de todos os indivíduos. Ele respeita o direito à vida privada, à confidencialidade, à autodeterminação e à autonomia dos indivíduos.

- 4.1 Por isso, ele não deve usar informações de natureza confidencial que possam causar danos ao indivíduo que o treinador forma ou com vistas a obter uma vantagem para si próprio ou um terceiro.
- 4.2 Da mesma maneira, o instrutor deve usar de discrição e demonstrar tato e discernimento em relação à vida privada dos indivíduos formados por ele.
- 4.3 O instrutor que participa de um projeto de pesquisa deve se assegurar que os participantes consentam de plena vontade e com conhecimento de causa sem insinuar que a recusa de participar pode levar a uma perda ou a sanções.

5. Responsabilidade social

Ao coordenar uma oficina de circo, o instrutor deve demonstrar abertura e responsabilidade em relação à comunidade onde trabalha.

- 5.1 Ele deve atuar de modo que suas ações junto a indivíduos e grupos os ajudem a alcançar a máxima autonomia e independência, o que exclui todas as ações com o objetivo de controlar ou dominar.
- 5.2 O instrutor se compromete a promover a justiça social, a aceitação, a autonomia, a autodeterminação e o respeito do indivíduo. Ele favorece e apóia a participação do indivíduo em seu bem-estar, no desenvolvimento de redes de apoio e de ajuda mútua e na comunidade.
- 5.3 O instrutor deve intervir sempre que um outro instrutor tenha uma conduta pouco conforme ao código de ética.
- 5.4 O instrutor não pode, em nenhum caso, utilizar seu papel para fins de propaganda, nem se servir dele para obter ou tentar fornecer a quem quer que seja vantagens injustificadas ou ilícitas.

6. Segurança

O instrutor é responsável pela segurança do local onde se realiza seu treinamento. Ele é responsável pela segurança dos aparelhos e sua utilização correta. Ele demonstra uma preocupação em todos os instantes acompanhando a execução de movimentos de risco ou garantindo que estes sejam feitos na presença de alguém que garanta a segurança dos executantes.

- 6.1 Ele garante um ambiente seguro para a realização das atividades dos participantes.
- 6.2 Ele leva os participantes a serem responsáveis pela sua segurança os fazendo tomar consciência das medidas que devem tomar para se protegerem e protegerem seus colegas.

7. Trabalho de equipe

O instrutor se compromete a participar ativamente e de livre e espontânea vontade no trabalho de equipe com os membros que a compõem, isto é, os instrutores, os representantes dos parceiros ou os empregadores.

- 7.1 O instrutor se compromete a participar ativamente no trabalho de equipe ligado à preparação, à execução e à avaliação das oficinas de circo num clima favorável à criação de um nível de confiança, gerador de trocas honestas e autênticas.
- 7.2 Se as decisões a serem tomadas fazem com que surja um conflito envolvendo escolhas técnicas, administrativas ou políticas, o instrutor deve sempre ter como objetivo principal o bom andamento das oficinas e o crescimento dos indivíduos.

- 7.3 Ele favorece o estabelecimento de um clima de cooperação e apoio entre os participantes das oficinas.
- 7.4 Ele coopera com os outros parceiros que desejam oferecer um apoio adicional ao programa.
- 7.5 Ele exerce discricão para resolver seus desacordos com seus colegas. Ele tenta resolver com eles as divergências de opinião de maneira construtiva e encaminha os conflitos mais sérios às instâncias apropriadas.

8. Relação com o empregador

O instrutor se compromete a respeitar as condições de sua contratação e a prestar contas de suas atividades a seu empregador.

- 8.1 O instrutor comunica ao empregador toda informação que facilite o bom andamento do programa.

Referências:

American Psychological Association, Ethical principles of psychologists and code of conduct, 1992 [http:// www.apa.org/ethics/code.html](http://www.apa.org/ethics/code.html)

Association canadienne des entraîneurs professionnels, Code d'éthique des entraîneurs et des entraîneuses, Ottawa, 2000, http://www.coach.ca/MEMBER/Ethics_f.htm

Association des travailleurs et travailleuses de rue du Québec inc.(ATTRUEQ) Code d'éthique, 23 páginas.

Conseil canadien pour la coopération internationale, Code d'éthique, 1995, http://fly.net/ccic/FRANCAIS/sectben/ce1-code_dethique.htm

Dignelle, Françoise, Éthique et délinquance, Éd. Médecins et hygiène, Méridien Klincksieck, Genève, 1989, 212 páginas.

Fédération internationale des associations d'instituteurs, Code de déontologie des enseignants, Paris, 1995.

Erikson, Erik.H., Éthique et psychanalyse. Ed. Flammarion, Paris, 1971, 262 páginas.

Elaboração: Programa Social do Cirque du Soleil

PAPEL DO TREINADOR DE CIRCO SOCIAL

O papel do treinador de circo social é transmitir as técnicas circenses dentro de uma preocupação pedagógica comprometida com o desenvolvimento global do jovem, representando um adulto significativo presente na trajetória de vida do jovem. O ensino das artes circenses constitui um pretexto para estabelecer uma relação de confiança e de crescimento com o jovem em dificuldade.

Por isso, o treinador deve ter uma grande sensibilidade social, ter desenvolvido habilidades pedagógicas e uma atitude de abertura para compreender os jovens em dificuldade e as diversas realidades do terreno. Além disso, o treinador deve manter expectativas realistas na realização dos objetivos de aprendizagem insistindo mais no processo do que nos resultados.

As funções e responsabilidades do treinador são determinadas por um mandato de intervenção. Este mandato é definido em função do grau de evolução do programa Circo do Mundo no local onde se realiza a intervenção, como também em função da situação e do nível de progresso dos jovens que participam das oficinas de circo.

OS PARÂMETROS DO MANDATO DO TREINADOR

O conteúdo do mandato varia em função:

- do status do treinador (coordenador, júnior, estagiário, etc.);
- da experiência e das qualificações do treinador;
- do grau de desenvolvimento do programa Circo do Mundo num determinado local;
- da duração da intervenção;
- das necessidades e expectativas expressas pela comunidade e pelos organismos parceiros do programa Circo do Mundo.

O mandato dado pelo organismo empregador (ex: Cirque du Soleil, Jeunesse du Monde, Oxfam-Quebec,...) define as responsabilidades e determina os limites da intervenção. Ele deve ser claro para o treinador e seu empregador, como também para a comunidade local e os responsáveis pela intervenção no terreno (monitor de circo local, trabalhador social, etc.). Quanto mais claro for um mandato, mais realistas são as expectativas de cada instância e mais fácil será a realização dos objetivos de trabalho.

OS OBJETIVOS DO TREINADOR

Quando trabalha num local, um treinador deve ser capaz de:

- se adaptar às características socioeconômicas e culturais e às habilidades globais dos participantes;

- identificar rapidamente os recursos disponíveis que possam facilitar a realização das oficinas;
- levar em consideração os códigos culturais, os ritmos e os costumes próprios de cada local;
- respeitar as regras e a visão dos organismos onde se realiza a intervenção do treinador;
- favorecer a participação dos outros atores comunitários (pais e funcionários dos organismos) a fim de apoiar os jovens em sua implicação.

AS RESPONSABILIDADES DO TREINADOR

As responsabilidades variam em função do tipo de mandato e devem ser executadas em relação com o parceiro comunitário. Elas são das seguintes ordens:

- organização e planejamento das oficinas de circo;
- coordenação das oficinas de circo adaptada às necessidades e ao nível de progresso dos jovens: iniciação às artes circenses; aperfeiçoamento das técnicas; introdução de noções artísticas; realização de apresentações públicas;
- coordenação das oficinas num ambiente seguro;
- gestão do material e logística;
- avaliação das ações realizadas, preparação para a continuação das oficinas e a realização de futuras oficinas.

DEFINIÇÃO DO PAPEL DO TREINADOR EM RELAÇÃO:

aos jovens:

- preparar e ensinar atividades de circo aos jovens levando em consideração suas habilidades e sua experiência dentro de uma preocupação de transmissão pedagógica que considera o desenvolvimento global do jovem;
- estar à escuta do jovem e do grupo em suas necessidades, sua evolução e seus limites;
- contribuir para devolver o poder aos jovens e aos responsáveis pela intervenção a nível local na transmissão de seu conhecimento e dispor de uma variedade de ferramentas para estimular o jovem e sua participação ativa no processo de aprendizagem;

aos monitores de circo locais e trabalhadores sociais:

- apoiar e transmitir as ferramentas necessárias para a implementação, o gerenciamento de grupo e o planejamento de oficinas que eles poderão empregar junto aos jovens;

aos responsáveis pelos organismos:

- concentrar a intervenção geral do programa numa perspectiva de apoderamento pelas comunidades locais;

à comunidade:

- contribuir para mudar a percepção da comunidade em relação aos jovens em dificuldade de seu próprio meio através de atividades como, por exemplo, a criação de números e a realização de atividades circenses ou apresentações públicas.

A POSIÇÃO E AS MOTIVAÇÕES DO TREINADOR

A posição do treinador é determinada em relação a seu mandato e suas aspirações pessoais. O equilíbrio entre o mandato e as aspirações favorece uma posição harmoniosa do treinador diante das tarefas a serem realizadas e das expectativas de todos os envolvidos no projeto.

As motivações do treinador podem ser definidas a partir das quatro grandes motivações do cooperante voluntário geralmente identificadas pelas ongs (organizações não-governamentais) de cooperação internacional, isto é:

- o desafio profissional;
- o compromisso social;
- o desafio cultural;
- a experiência pessoal.

OS LIMITES DA INTERVENÇÃO

É difícil determinar os limites da intervenção de um trabalho que engloba ao mesmo tempo a transmissão das técnicas e da pedagogia das artes circenses, a implicação junto a jovens em dificuldade, o apoio à equipe de coordenação e ao organismo local. Isto depende de um mandato claro que defina as responsabilidades e os limites da intervenção do treinador como também da posição pessoal adotada pelo treinador, o empregador e os parceiros comunitários.

AS ATITUDES A SEREM ADOTADAS

A chegada do treinador num novo local, num novo ambiente, perturba os hábitos e as maneiras de fazer do dia-a-dia. Por isso, é importante trabalhar a noção de permanência de atitudes de abertura, de escuta, de flexibilidade, de respeito, de humildade, de coordenação, etc., e de se adaptar de maneira rigorosa às realidades e ao contexto da intervenção. Na verdade, nunca esquecer que a atitude geral adotada transcende a ação. São os conhecimentos mas sobretudo as atitudes para transmiti-los e adquirir outros conhecimentos que permanecem após a partida do treinador.

Outras maneiras de fazer, de participar, de inovar, de provocar a mudança podem ser bem acolhidas se a MANEIRA de fazer estiver impregnada de respeito, de flexibilidade e se for feita de maneira progressiva, em coordenação, numa perspectiva de ajuda mútua e de apoio mútuo ... de onde a diferença entre «perturbar» e «impor» uma maneira de fazer.

Elaboração: Programa Social do Cirque du Soleil

VIII- PARTICIPANTES

1- Rio de Janeiro/São Gonçalo - RJ

1.1- Escola Nacional de Circo

ANDERSON DOS SANTOS

CARLOS FERNANDO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE (coordenação)

1.2- FASE / SAAP

CLÉIA JOSÉ SILVEIRA (coordenação)

1.3 - Escola de Circo Pequeno Tigre

SÉRGIO PERIN FARIA JUNIOR

2- Belém/Pará

2.1- Funpapa - Escola de Circo Mano Silva

IEDA CRISTINA FARIAS SEAWRIGHT

JOSÉ CARLOS PACHECO DIAS

3- Teresina - Piauí

3.1- Circo Zoin

FRANK SINATRA MATOS DA SILVA

WALMIR ANTONIO DE SOUZA CASTRO

4- Natal - Rio Grande do Norte

4.1- Histofaria Teatral-Natal

PAULO HENRIQUE DE OLIVEIRA GURGEL

TIAGO DE SANTANA BATISTA

FLIPER CHAVES DA COSTA

ANNA KARINNA DANTAS DE OLIVEIRA

5- Maceió – Alagoas

5.1- Sua Majestade o Circo

FABIANA SANTANA DE ALMEIDA

GRACIELE SIMPLÍCIO DA SILVA

ROSIVALDO SANTOS SILVA

PERONILDA ANDRADE

6- Juazeiro/Ceará

6.1- Circo Escola Ecocidadania

FRANCISCO ROBSON SALES

JOSIVAM LIMA DOS SANTOS

FLÁVIO BATISTA DO NASCIMENTO

ANA CRISTINA DIÔGO GOMES DE MELO (observadora)

7- Recife - Pernambuco

7.1- Arricirco

ADEILDO DE FRANÇA ARAULO
SERGIO MUNIZ DA SILVA
JONALTON ANDRADE DA SILVA

7.2- Escola Pernambucana de Circo

JANNERSON CABRAL DA SILVA
HOSANI GOMES SANTANA
RONALDO DA SILVA AGUIAR
JOSÉ FRANCISCO JUNIOR
ZEZO OLIVEIRA(coordenação)

7.3- Associação dos Artistas Circenses do Recife

GILBERTO TRINDRADE – (Convidado)

